

ABORDAGEM FONÉTICA, FONOLÓGICA E SEMÂNTICA SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA LÍNGUA ESPAÑHOLA NO BRASIL

MARCELO MARIO AMENDOLARA

Resumo: O presente artigo visa apontar a relevância do estudo da língua espanhola em países de língua portuguesa como o Brasil. Objetiva-se com isso alertar e chamar a atenção do leitor brasileiro, em especial, de que o fato de serem línguas (portuguesa-espanhola) parecidas nem sempre a comunicação (escrita, oral, leitora e auditiva) pode ser entendida corretamente no processo cíclico de emissão-recepção, no qual os sujeitos (brasileiro-hispânico) participam. Muitas vezes, acontece uma falsa comunicação, onde os sujeitos em questão “pensam que estão se entendendo, quando na verdade a intencionalidade das expressões têm outros significados da intenção original. O tema é abordado com exemplos que não descuidam a aplicação da fonética, fonologia e a semântica do campo lingüístico, onde diversos autores são citados como referências de essas áreas.

Palavra-chave: língua espanhola, espanhol-português, lingüística espanhola.

Abstract The present article aims at to point the relevance of the study of the Spanish language in countries of Portuguese language as Brazil. Objective with this to alert and to call the attention the Brazilian reader, in special, of that the fact to be languages (Portuguese-Spanish) similar no always the communication (written, verbal, reading and auditory) can be understood correctly in the cyclical process of emission-reception, in which the citizens (Brazilian-Hispanic) participate. Many times, happen a false communication, where the citizens in question “think that they are if understanding”, when about the truth the members of the expressions have other meanings of the original intention. The subject is boarded with examples that do not neglect the application of the phonetic and the semantics of the linguistic field, where diverse authors are cited as references of these areas.

Key Words: Spanish, Spanish Portuguese, Spanish Linguistics

Apresenta-se neste artigo justificativas desde um ponto de vista lingüístico, que levem a refletir sobre a importância do estudo da língua espanhola no Brasil, abordando , especificamente, no campo da fonologia, a prosódia e a semântica.

Começando pela fonologia, área da lingüística que estuda o sistema sonoro de uma língua), embora as vezes seja confundida com a fonética, por esse motivo, é pertinente esclarecer ao leitor algumas diferenças básicas: a fonética estuda a origem física da produção e da percepção dos sons (chamados de fones) da fala sem haver interesse com o significado, o ser humano por tanto pode produzir inúmeros fones. Todos esses fones que são utilizados pelos humanos em diferentes idiomas estão representados em um alfabeto especial para tal fim denominado de: Alfabeto Fonético Internacional (I.P.A.), conforme WIKIPEDIA (2006). No entanto, a fonologia descreve como funcionam os fones de uma dada língua, por exemplo, /p/ e /d/ , sendo que o uso de / / não é a ortografia e sim está indicando a grafia da transcrição fonética. Oportunamente RODRÍGUEZ (2006) indica as diferenças entre o quadro vocálico da língua portuguesa e a espanhola.

O quadro vocálico do português. No português existem vogais orais e nasais. As orais [o] e [e], em posição tônica, podem ser abertas ou fechadas. A rigor classifica-se como aberta apenas o [a], a mais baixa das vogais. O [i] e o [u] são fonemas vocálicos fechados e altos, o [e], o [o], além de uma realização de um [a] fechado, mais comum em o quadro: Portugal .Assim, no português do Brasil existem 7 vogais orais e 5 vogais nasais. Total: 12 fonemas vocálicos em posição tônica. Em posição átona não existem vogais abertas, sendo que em posição átona final, o quadro vocálico do português fica reduzido a três fonemas vocálicos: **a, i, u** porque o **e** e o **o** fechados ficam reduzidos, respectivamente, a **i** e **u**: pele [‘peli], dedo [‘dedu]

O quadro vocálico do espanhol. O quadro vocálico do espanhol é muito simples. Consta apenas de cinco fonemas: Não existem no espanhol vogais abertas com distinção fonológica, embora foneticamente haja realizações com maior ou menor abertura vocálica. Os fonemas vocálicos abertos provenientes do latim vulgar permaneceram em português, mas ditongaram-se em espanhol: *petra*> *pedra*, (esp) *pie**dra*; *forte*> *forte*, (esp) *fuerte*. O mesmo quadro vocálico mantém-se em posição átona, pois não há elevação vocálica nem mesmo em posição final: *leche* [‘letfe], *dedo* [‘dedo]. A nasalização de vogais tampouco ocorre em espanhol, ao menos com valor fonológico.

Da citação anterior, importante observar que, em espanhol não há som nasal, como ocorre em português, essa aparente e irrelevante diferença, do ponto lingüístico é muito importante porque é um dos motivos que um hispânico falante pronuncie o idioma português com sotaque de espanhol, a inversa não é verdadeira, isto porque em português já há som oral como em espanhol.

Da mesma forma que RODRÍGUEZ (2006) aponta as diferenças para as vogais entre as línguas espanhola e portuguesa, o autor referencia também as diferenças entre as consoantes, cujo quadro comparativo é citado a seguir:

O quadro consonantal

A realização fonética dos fonemas consonantais coincide em grande parte nas duas línguas. Apontaremos apenas alguns dos fonemas que mais se afastam: a) Fonema [b]. Não existe em espanhol o fonema [v] do português. Este fonema representa-se graficamente por **b** ou **v**.

b) Fonema [tʃ], representado graficamente por **ch**. Este fonema em espanhol tem pronúncia africada [tʃ] diferente da do fonema fricativo palatal surdo [ç] do português, que pode ser representado graficamente pelo mesmo dígrafo: Esp. *muchacho* [mu'tʃatʃo], *chino* [tʃino]. Port. chave [ʃavi], *xarope* [ʃa'ropi].

c) Fonema [ʃ] do português. Fonema fricativo palatal sonoro. Não existe no espanhol.: hoje [oʃi], mágico [maʃiku], jaca [ʃaka]

d) Fonemas [s] e [z] Em português existem o fonema sibilante fricativo surdo [s] e o sonoro [z]: passo [pasu], maço [masu] (surdo); casa [kaza], zebra [zebra] (sonoro). No espanhol só se conhece o fonema equivalente surdo: casa [kasa], paso [paso]

e) Fonemas [ʃ] e [ʒ] Os fonemas fricativos palatais, surdo [ç] chapa [ʃapa] e sonoro [ʒ] jato [ʒatu], não ocorrem no espanhol.

f) Fonema [θ] O fonema fricativo surdo dental [θ] do espanhol: ciento [θiento], moza [moθa], não existe em português. Sua pronúncia assemelha-se ao do **th** do inglês em *think*, *three*. Nas zonas em que se pratica o *seseo*, este fonema realiza-se como [s]. g) Fonema [x] (grafado com **j** em qualquer posição ou com **g** antes de **e**, **i**) O fonema [x] consonantal fricativo velar surdo não existe no português: *caja* [kaxa], *gitano* [xi'tano], *cojo* [koxo], *gente* [xente]. A pronúncia deste fonema assemelha-se à do **h** aspirado do inglês em *house*, *horse*.

Evidentemente a citação última é muito rica para um lingüista, no entanto para o leitor leigo na área da lingüística é muito difícil de entender os símbolos entre colchetes (os quais podem ser achados no alfabeto I.P.A.), e lembrando que como esta pesquisa não pretende ser um documento aprofundado da lingüística, muito menos da fonética e/ou da fonologia, recomenda-se consultar bibliografias mais aprofundadas nessa área da fonética e fonologia em bibliografias de Lingüística, abundante em língua portuguesa. Pretende-se demonstrar com as citações de Rodríguez da existência de sons diferentes em ambas as línguas e que a produção desses sons para serem entendidos por um brasileiro que escuta espanhol leva enorme vantagem sobre uma

situação inversa, ou seja, por exemplo, um mexicano, que escuta português. É assim o pensamento do mesmo autor (Rodríguez, 2006) quando cita, a seguir:

Com relação ao quadro consonantal, verificamos que há realizações diferentes em ambas as línguas, mas também aqui o português é mais rico que o espanhol, embora não cause tanta dificuldade para a compreensão, como ocorre com o quadro vocálico. No que tange à fonologia das duas línguas, podemos observar que as semelhanças são em maior número que as diferenças. Ambas possuem fonemas que não são comuns às duas, embora a fonologia portuguesa se apresente mais rica e, portanto, mais complexa.

Outro aspecto que causa dificuldade na comunicação entre os usuários de língua espanhola e portuguesa é a parte da lingüística chamada: semântica.

A semântica surge como uma ferramenta indispensável para o estudo da função da palavra, e como parte integrante da lingüística encontra um fértil campo de atividade porque o conceito de significado é definido a partir de situações comunicativas empíricas, assim para Cerezo et al. (1996, p. 38, tradução própria) é “ A semântica é a parte da lingüística que estuda as significações” .

Bakhtin trouxe contribuições ao campo da semântica ao vincular todas as articulações sócio-interacionistas que uma comunicação envolve. É por isso que se procuram subsídios nesse lingüista russo para apontar como há uma estreita relação entre os fenômenos da homonímia, a significação e a enunciação (BAKHTIN, 1981).

Um motivo que dá relevância à análise da enunciação é que os sujeitos na comunicação podem conhecer muito bem o léxico e a gramática, porém falhar na interpretação do diálogo. A proposta de Bakhtin indica que os interlocutores que participam no ato de comunicação são afetados pelo significado do que é enunciado, o qual depende das circunstâncias do seu uso (Magee (1999) ou Chauviré (1991) fazem referências a situações do uso da linguagem quando lembram o pensador Wittgenstein; pensador que influenciou a filosofia da linguagem).

Chauviré (1991) diz que o contexto do uso do discurso pelos usuários da palavra, isto é, que mediam o processo de comunicação, é que dá idéia da magnitude da linguagem que está acontecendo para uma situação específica ou isolada da comunicação.

O problema do uso das palavras (ou seja, o entendimento que o locutor intenciona dizer) na realidade pode ser um pseudo-problema, se considerarmos que:

A semântica é um dos caminhos que possibilitam à filosofia compreender como o ser humano elabora representações simbólicas do mundo, de que modo organiza e estrutura, de acordo com princípios capazes de estabelecerem a aceitabilidade e a coerência dessas representações simbólicas, objetivas e subjetivas, de dados da realidade. (MARQUES, 1990, p. 16).

A atitude da enunciação, perfilada pelas suas características temáticas, apreciativas, conduz à procura de sentido no sistema do signo tomando em conta o contexto, vivência social, hábitos; enfim, da também chamada cultura lingüística dos falantes. Portanto, na interpretação de um discurso, além das análises clássicas da gramática, que são totalmente insuficientes para o completo entendimento da situação na qual a linguagem se desenvolve, o meio que permeia a enunciação, o tema (cuja significação está implícita) é análise da enunciação e da entonação apreciativa, que indica em definitiva, o real significado, ou pelo menos, com certeza uma melhor aproximação “do quem disse o que?”, em que circunstâncias, e com que intenção, ou seja, a prática que os sujeitos envolvidos fazendo parte de esses jogos de palavras na linguagem podem exercer mutuamente (CHAUVIRÉ, 1991).

No contexto acima mencionado e se vinculando o tema semântico com o fenômeno lingüístico dos falsos cognatos, pode-se achar uma excelente justificativa para entender a relevância que a língua espanhola tem no Brasil.

As idéias do sócio-interacionismo de Bakhtin encontram uma situação específica de ação psicológica no processamento do diálogo quando há homonímia. De acordo com Marques (1990, p.28) “Se a um mesmo segmento sonoro correspondem conceitos diferentes, dessa relação equívoca resultam palavras ditas homônimas”. Detecta-se que há um problema inicial na interpretação inter-lingual em questão podendo chegar a ser um pseudo-problema, mesmo dentro de uma mesma língua se considerarmos as idéias bakhtinianas.

Outros autores entendem a semântica como foi definida antes pelo autor Cerezo. Lyons (1977, p. 11) diz que “A semântica é geralmente definida como o estudo do significado”. Lyons indica a falta de um reducionismo lingüístico no campo da semântica, a semântica é muito mais do que entendê-la como um simples estudo do significado das palavras. A semântica e o entendimento da linguagem aplicada na interlocução provoca os chamados “jogos da linguagem. De acordo com Kenny (1974), os jogos da linguagem terão na realidade uma função muito diversa. Admite-se, conforme Kenny, uma pluralidade de linguagens, cada linguagem é um

modo de relacionar-se com o mundo e tem seu próprio sistema de jogo. Não é possível prescrever leis à linguagem (por exemplo, a definição de uma palavra no dicionário), e sim descrevê-las ou utilizá-las na comunicação. Por isso, cada linguagem é um jogo lingüístico diferente. Chauviré (1999) aponta que com os jogos da linguagem o pensador Wittgenstein justifica fundamentalmente diferentes tipos de coisas, como ser: aplicam-se para dar nome a uma coisa ou para incentivar linguagens cuja estrutura é muito simples; aplica-se a determinados aspectos lingüísticos e finalmente, se aplicam também para o uso da linguagem cotidiana.

A idéia de que a filosofia é útil no campo da linguagem é uma idéia defendida por Chauviré (1999). Essa autora defende o poder da filosofia aplicada ao campo da linguagem ao afirmar que “A filosofia seria por tanto antes uma atividade que um corpo de doutrinas: seria uma ‘crítica da linguagem.’ ” (CHAUVIRÉ, 1991, p. 53).

Em base aos autores citados neste tópico (por exemplo, Bakhtin, Chauviré, Kenny) percebe-se um vínculo entre: o significado das palavras (semântica), o entendimento da linguagem com seus jogos e a colaboração da filosofia da linguagem para entender a compreensão da comunicação dentro da interlocução entre falantes de uma mesma língua ou entre, especificamente falando, as línguas espanhola e portuguesa (devido à semelhança lingüística entre elas),

Andrade Neta (2005) referencia a semelhança entre as línguas românicas, especificamente a portuguesa e a espanhola como serem a de maior afinidade entre si.

Há de fato muitas estruturas comuns a ambas as línguas, em todos os aspectos gramaticais e lingüísticos, com especial interesse para a semântica. Este fator pode ser um “catalisador” do desenvolvimento para adquirir, por parte dos brasileiros, a língua espanhola.

Muitas vezes essa suposta “familiaridade” lingual se comporta como uma armadilha dos sujeitos falantes do idioma português devido a serem línguas muito parecidas ou como Arias (2000, p. 5) diz: “ É justamente pelo fato de as duas línguas serem muito próximas que é muito fácil cometer erros”. Surge muitas vezes na base de arriscar falar a língua espanhola uma espécie de língua híbrida chamada de “portunhol” onde a força da comunicação prevalece e tenta superar o silêncio entre um brasileiro e um hispânico (ANDRADE NETA, 2005). O uso do “*portunhol*” demonstra um sinal positivo como forma de comunicação (ANDRADE NETA, 2005). No entanto, as “armadilhas” dessa pseudo-língua podem complicar mais ainda a comunicação uma

vez que os sujeitos (brasileiro e hispânico) envolvidos no ato da fala, ao criarem espontaneamente palavras que não formam parte nem da língua espanhola nem da portuguesa, podem produzir significantes que se afastam mais ainda dos que seriam interpretados pelo receptor na língua original do emissor (conforme apontado anteriormente ao abordar os temas da semântica e jogos da linguagem). As falsas semelhanças então podem assim provocar desde pequenos a grandes desvios na comunicação originando mudanças de interpretação no real significado no sentido da fala (ANDRADE NETA, 2005).

Andrade Neta (2005) exemplifica diversas palavras, entre elas, o vocábulo “academia”; nele a grafia, a fonética e a semântica são conservados tanto na língua portuguesa como na espanhola. A diferenciação está na tonicidade da palavra (heterotonicidade): na língua portuguesa a tonicidade é assentada na letra “i” da palavra, enquanto que em espanhol a tonicidade está na letra “e”. Desta forma surge então para a comunicação, em especial para a pronúncia, problemas de prosódia (que é uma parte da fonologia), ou seja, a posição correta da sílaba tônica na palavra. Outro exemplo de prosódia diferente entre as línguas portuguesa e espanhola é a palavra “anemia”, em espanhol destaca-se a seguir em negrito a tonicidade da sílaba: “**anemia**”.

Deve-se considerar também que existem vocábulos com grafia ligeiramente diferente e que são heterogênicas ou conforme define Fialho (2005) “Os heterogênicos são palavras que diferem de gênero entre as duas línguas, a que se quer aprender e a materna. Exemplos de heterogênicos são *la sangre, la leche* (espanhol) e o sangue, o leite (português), sendo também, dentre outros vocábulos a palavra “mel”, que na língua espanhola escreve-se “*miel*” sendo que uma é masculina e a outra é feminina, respectivamente.

A seguir, será mencionado um exemplo demonstrando as implicações de Guiraud (1975,p. 38) quando afirma que “As palavras evocam por outro lado a imagem daqueles que as empregam ordinariamente e a imagem das situações nas quais tais pessoas estão implicadas”. O exemplo em questão remete à interpretação errônea na comunicação entre um hispânico e um brasileiro na qual a palavra portuguesa “embaraçada” ou a palavra espanhola “*embarazada*” estão hipoteticamente presentes. O interacionismo oral é afetado por um desvio semântico no processo de emissão-recepção (fenômeno da homonímia) alterando totalmente o significado da intenção da palavra. A explicação baseia-se em que o vocábulo português “embaraçada” para o hispânico

significa “grávida” (cuja escrita em língua espanhola é “*embarazada*”) que mesmo com grafia ligeiramente diferente entre as palavras “embaraçada” e “*embarazada*” a fonética é considerada, sem muita margem de erro, a mesma (BALBINA; FEIJÓO, 1998).

Uma outra situação provocada pelo interacionismo oral entre um hispânico e um brasileiro com desvio semântico é citado por Castro (2005) “Um exemplo de heterosemântico é a palavra ‘estafa’ que no espanhol significa ‘roubo fraudulento’, e não tem sentido como algo de doença psíquica.”

Bakhtin oportunamente indica o conceito de que as questões da fala, ou melhor dito, a enunciação, não podem ser consideradas levando-se em conta apenas as questões das condições físicas do ser humano. Ela é de ordem social, para entendê-la é necessário entender que ela acontece numa interação, “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN, 1981, p.123).

Quando Magee (1999, p. 205) diz que “ Se tomarmos um termo ou conceito isolado, seu significado consiste da soma total de seus usos possíveis, que podem ser muito variados.”, também significa entender a comunicação dos locutores da língua espanhola e portuguesa aplicando o correto uso e significação dos vocábulos por serem línguas muito parecidas, sendo um motivo para estudar a língua espanhola no Brasil.

Não há dúvida de que para um entendimento da língua escrita, a semelhança pode ajudar, no entanto, para aprender espanhol como segunda língua, a facilidade pode ser mais “aparente” que real. Aqui apresentou-se apenas algumas diferenças para alertar o leitor e ajudar a contribuir de que o termo idioma “parecido não é igual”. É inegável que as semelhanças sejam muito maiores que as diferenças, mas há muitos aspectos que se considerar a organização do discurso, as preferências vocabulares, etc., a situação é mais complicada para a aprendizagem de espanhol.

A aquisição de uma língua estrangeira “parecida” à língua materna (neste caso espanhol – português, respectivamente) requer estudo e dedicação como a de qualquer outra língua estrangeira.

REFERÊNCIAS

ANDRADE NETA, Nair F. *Aprender español es fácil porque hablo portugués: ventajas y desventajas de los brasileños para aprender español* Disponível em http://www.cuadernos cervantes.com/lc_portugues.html. Acesso em 10 de dezembro de 2005.

ARIAS, Sandra Di Lullo. *Espanhol urgente para brasileiros !: método simples e rápido para aprender de vez*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BALBINA, Lorenzo; FEIJÓO, Hoyos. *Diccionario de falsos amigos : español - portugués : portugués – espanhol*. São Paulo: Enterprise, 1998.

CASTRO, Cristina. *Línguas Estrangeiras: o que interfere no aprendizado*. Disponível em: <http://eaprender.ig.com.br/ensinar.asp?RegSel=99&Pagina=3#materia>. Acesso em 5 de dezembro de 2005.

CEREZO, Sergio S. et al. (orgs.). *Gramática del español moderno*. Madri: Santillana, 1996.

CHAUVIRÉ, Christiane. *Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

FIALHO, Vanessa R. *Proximidade entre línguas: algumas considerações sobre a aquisição do espanhol por falantes nativos de português brasileiro*. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/falantes.html>. Acesso em 5 de dezembro de 2005.

GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. São Paulo: Difel, 1975.

KENNY, A. *Wittgenstein*. Madri: Alianza, 1974.

LYONS, John. *Semântica I*. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1977.

MAGEE, Bryan. *História da Filosofia*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARQUES, Maria H. D. *Iniciação à Semântica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

RODRÍGUEZ, Alfredo M. *Aspectos comparativos entre o espanhol e o português*. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/viisenefil/01.htm> >. Acesso em 6 de novembro de 2006.

WIKIPEDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fonologia>>. Acesso em 6 de novembro de 2006.